

# O CHAMADO: OLHARES SOBRE CAIS DAS ARTES Ou das ruínas do futuro às ruínas vitais

*THE CALL: VIEWS ON THE CAIS DAS ARTES  
Or the future ruins to vital ruins*

**Leonardo Izoton Braga<sup>1</sup>**

## Resumo

Este ensaio é construído a partir de um chamado da cidade no contexto pandêmico, disparando uma deriva de olhares para um corpo arquitetônico: O Cais das Artes. Tem como objetivo a apreensão, circulação e a crítica das imagens do Cais, reintegrando-o ao imaginário urbano e público. O texto divide-se em um prólogo e cinco sessões. Sua montagem é composta e tensionada por fotografias, na tentativa de tramar escrita, imagem e pensamento. Almeja-se com isso explorar problemas, mas, sobretudo, as potencialidades do complexo arquitetônico, que se apresenta na tensão entre sonho e abandono, ruína vital e ruína do futuro. Deste modo, o ensaio manifesta um chamado à sua visibilização crítica, sua ocupação corpórea, a luta política pelo seu término e sua entrega enquanto complexo cultural e espaço público.

Palavras-chave: arquitetura, imagem, crítica, ruína, Cais das Artes.

## Abstract

*This essay is built by a call from the city in the pandemic context, triggering a drift of views towards an architectural body: the Cais das Artes. Its objective is to apprehend, circulate and criticize the images of the Cais, reintegrating it into the urban and public imagination. The text is divided into a prologue and five sections. This montage is composed and tensioned by photographs, in an attempt to sew writing, image and thought. The aim is to explore problems, but, above all, the potential of the architectural complex, which presents itself as tensions between the dream and the abandonment, the vital ruin and the ruin of the future. In this way, the essay expresses a call for its critical visibility, its corporeal occupation, for the political struggle for its end and delivery as a cultural complex and public space.*

Keywords: architecture, image, critic, ruin, Cais das Artes.

<sup>1</sup> Arquiteto Urbanista pela UFES, mestre em Psicologia pela UFF e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Atualmente faz pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo na UFMG.



## Prólogo

Escrevo no calor da pandemia e no deserto do isolamento social. Memórias se agenciam, lembro-me de conversas, imagens, palavras trocadas na cidade. No silêncio, parece urgir um rumor coletivo, uma mistura de desejo e revolta. Nesse ressoar, em meio a uma situação política catastrófica, lembro-me de um objeto da cidade, algo que podemos olhar, experimentar e pensar, para além da clausura e do desespero-nosso-de-cada-dia, oscilando entre o futuro falido e o presente aberto. Olhar para a cidade, seus problemas e potências, torna-se uma aposta poética e política, um ato de resistência. Ocupar com corpo-pensamento o espaço, tecer laços. Para isso, o Cais das Artes, uma obra arquitetônica de grande porte, parece um prisma analítico, uma zona de disputa, um solo comum de onde podem surgir múltiplas leituras a respeito da arquitetura e da arte, reconectando-nos ao exterior, ao coletivo, ao público, à cidade.

## Instituição

O Cais das Artes é um projeto concebido em 2008, pelo renomado arquiteto capixaba, radicado em São Paulo, Paulo Mendes da Rocha (1928-2021), em parceria com o escritório paulista METRO. O complexo compreende um teatro, um museu com edifício administrativo em anexo e uma praça às margens da Baía de Vitória - ES, localizados no bairro Enseada do Suá (Figura 1). Totalizando quase 30000 m<sup>2</sup> de espaço construído, 3000 m<sup>2</sup> de área expositiva, com capacidade para acolher até 1300 espectadores no teatro (FERNANDES, 2011), o equipamento público de escala monumental seria destinado a receber eventos de grande porte, de escala nacional e internacional.

Sua implantação atuaria como um dinamismo econômico e cultural na região, lançando-se como um *hub* espetacular na rede global. A intervenção arquitetônica, que possui a marca de uma geografia humanizada pelas formas ortogonais e pela brutalidade material do concreto aparente, dialoga com a condição portuária da capital do Estado, fazendo referência às docas – essas fábricas nas quais máquinas e humanos trabalham sem cessar, zelando pelo fluxo dos insumos e bens de consumo. O volume contempla a entrada da baía e coloca-se defronte à Prainha de Vila Velha, porta da colonização do solo espírito-santense e local onde se assenta, ao alto do morro, o Convento de Nossa Senhora da Penha.



### Olhar de longe: pensar a ruína do futuro

Ao passar pela terceira ponte, observa-se o estranho e imponente objeto arquitetônico como que adormecido. Da Prainha e do Convento, se vê, com certa melancolia, a titânica edificação em estado de adoecimento, inativa, devorada pelo tempo. Aclamado e criticado em seu lançamento, o projeto, ao longo dos anos, caiu no esquecimento, tornando-se um elefante branco, desconhecido pela maioria da população. Espaçadamente, aparecia nos jornais, em tom de denúncia. Em estágio avançado, a construção foi suspensa diversas vezes, seja por mudança de construtora, suspeita de irregularidades ou embargo.

Em decorrência da interrupção da construção e de seu abandono, a massa de concreto escurece e transparece uma estranha face arruinada (Figura 2), contrastando com o projeto original e seu semblante solar. Estranheza que produz uma certa distância das promessas do empreendimento, evocando fantasmas que a imagem nos dá a ver. O monumento moderno nos revela a catástrofe. A catástrofe nos faz recordar a degradação de um projeto modernista, pautado no progresso industrial e ausente nos dias de hoje. A catástrofe nos apresenta um projeto de país, protagonista global no início do século XXI, que colapsou. A catástrofe nos lança em direção à horizontes destruídos.

Diante da baía, a edificação vai sendo corroída. O movimento cultural é devorado pelas intempéries e pelo descaso. Assim, o Cais das Artes se apresenta como *ruína do futuro*, um projeto que se depara com o colapso, com a interrupção em sua inscrição ativa no presente, uma possibilidade de futuro que já fracassou. A abertura do futuro se choca com os entraves da atualidade, produzindo um objeto que, antes de ficar pronto, é abandonado. Sua monumentalidade inconclusa apresenta um tempo lacunar, no qual o novo já se mostra obsoleto. A matéria abandonada – sobretudo neste contexto pandêmico – torna-se uma alegoria da catástrofe, da falência das promessas de um Estado Moderno, da ferrugem da locomotiva do progresso, do naufrágio do espetáculo humanista, da imagem apodrecida do porvir, dos quais é preciso desviar.



O projeto é, muitas vezes, rechaçado ou ignorado pelos habitantes, por ter pousado de maneira abrupta no tecido urbano, implantado de cima para baixo. Sabe-se que sua aparição iria revolucionar a cena cultural da ilha, porém, há uma tristeza que paira sobre o complexo arquitetônico isolado. Uma tristeza que acomete os trabalhadores da cultura que, finalmente, teriam um novo espaço para ocupar, se multiplicar e se proteger. A interrupção e a exposição deste exemplar inacabado nos recordam a necessidade de reelaborarmos nossa relação com o território, a cultura e sua produção.

De longe, sua imagem se torna a revelação da catástrofe, nos lembrando da relação entre o progresso moderno e o futuro em ruínas como duas faces da mesma moeda. Nos mostra a distância entre a promessa e o uso cotidiano. Expõe o desastre. O grande navio cultural de concreto e aço encontra-se encalhado, entregue ao tempo.

### Olhar de perto: viver o espanto<sup>2</sup>

O sol estava forte, o céu aberto, alguma brisa do mar. Adentramos a rua do Cais acesando-a pela Praça do Papa. Um longo tapume separava a obra em construção da apreciação pública. Seu volume, monumental, se apresentava rasgando a paisagem em altura. Concreto aparente, sujidade e ferrugem exibiam o corpo arquitetônico, bruto, que impedia a vista da Baía de Vitória.

Vencemos o tapume graças à chancela, o acompanhamento e a boa vontade de um agente da Secretaria de Obras Públicas. O senhor, solícito e gentil, nos permitiu deixar de lado os conselhos sobre a impossibilidade da visita. Fomos até a entrada, uma guarita e um pé de mamão como referência. Demos nossos nomes ao vigia, que sorriu. Ao chegar, nos deparamos com a esplanada, a baía emoldurada pelo vão livre

<sup>2</sup> Escrevo este bloco no plural, pois é resultado de uma visita acompanhada de conversas com amigos e colegas: Bárbara Veronez, Lutero Procholdt, Karoline Leite, Ariny Bianchi e Paulo – a quem agradeço.

Figura 4 - Vista do vão da passarela de acesso entre o museu e o anexo.  
Fonte: Autorial, 2021.



do museu e algumas pilhas de materiais da obra (Figura 3). A volumetria ganhava mais sentido à medida que nos aproximávamos. Cenas, perspectivas e amplitudes acompanhavam nosso movimento no térreo, produzindo impacto.

De prontidão, o velho engenheiro – que já foi professor – se propôs a nos guiar, apresentando a obra. Adentramos o complexo arquitetônico pelo bloco administrativo – anexo ao museu – subindo as escadas. Os andares similares, com área confortável e aberturas quadradas, conferiam certa simplicidade. Imaginem estes lugares ocupados pelos trabalhadores da cultura! Num certo patamar, era possível acessar o museu por uma conexão em passarela. O ar corria por entre a fenda, a distância entre os blocos, onde visuais se apresentavam enquadrados pelas linhas das edificações (Figura 4).

O corpo do museu, visto de dentro, era um grande pavilhão com pé direito alto, estrutura metálica robusta e leve, ladeada pelas empenas de concreto vivo. Do andar do grande salão, era possível acessar uma área para eventos e avistar o pavimento inferior. A temperatura diminuía dentro daquele bloco maciço, conferindo conforto térmico. A paisagem exterior se exibía por entre uma abertura, por onde se tinha a visão de um exuberante panorama da paisagem, possibilitando uma contemplação singular da baía. Naquele momento, surgia a clareza, em termos de estrutura, qualidade e complexidade, de que esta obra seria algo – guardadas as devidas proporções e o intervalo de mais de meio século – como um MASP<sup>3</sup> ou um MAM<sup>4</sup> para o Espírito Santo, para cidade de Vitória.

A obstrução da paisagem pelos blocos monolíticos era atenuada pela relação entre cidade e baía, cultura e natureza, *in loco*. A estrutura racional, pré-moldada, decorrente do sofisticado encontro entre concreto e aço, criava um silencioso diálogo com a paisagem que ecoava em seus interstícios. A arquitetura moderna brasileira ainda conseguia dialogar com seu presente, não sem tensões.

3 Museu de Arte de São Paulo (1947), projetado por Lina Bo Bardi (1914-1992).

4 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1948), projetado por Affonso Eduardo Reidy (1909-1964).

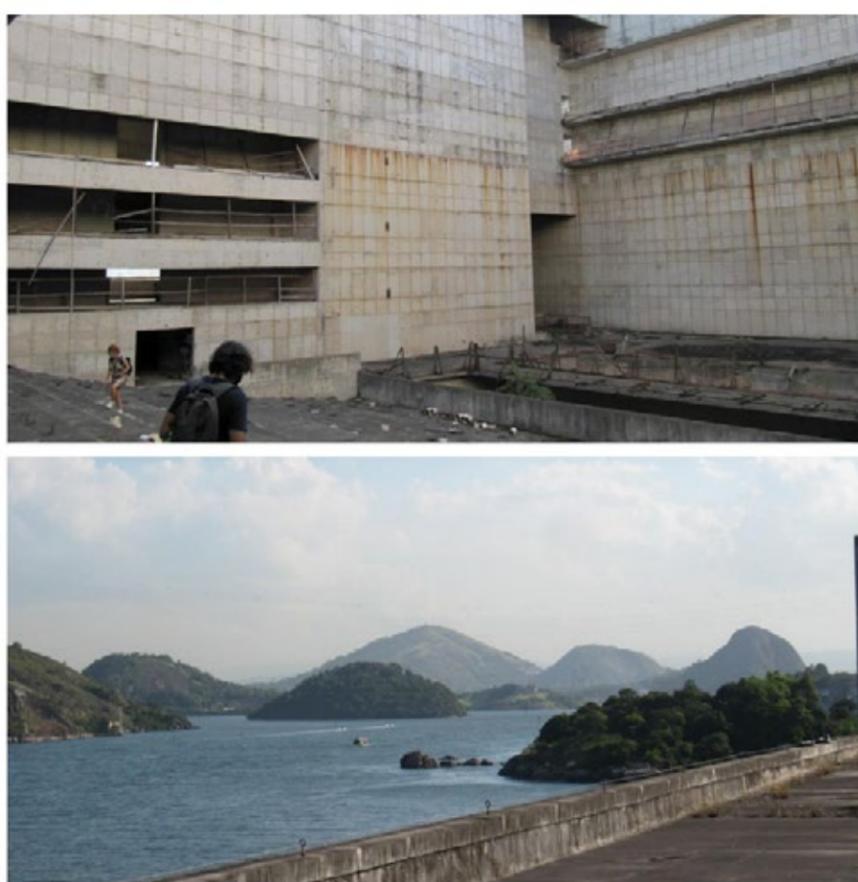


Figura 5 - Vista do museu para o bairro Praia do Suá e Vista da obra de Amílcar de Castro na praça. Fonte: Autorial, 2021.

Foi-nos dada a oportunidade de subirmos ao terraço do museu, espaço incrível que, aparentemente, não será acessível ao público. De lá, pudemos observar, de um lado, os pastiches e clichês arquitetônicos da Praia do Suá (Figura 5), o cone visual da Reta da Penha e parte da vista da cidade de Vitória, e, do outro, a Baía de Vitória e sua entrada, que divide e une Vitória e Vila Velha, a Terceira Ponte e todo o desenho topográfico da região (Figura 6). A morfologia orgânica da baía contrastava com a ocupação urbana no entorno da locação. Este contraste nos fez desconfiar do olhar distanciado e inflamado lançado em direção ao projeto e despertou uma curiosidade quanto às potencialidades daquilo que se apresentava.

Dali, descemos, retornando à esplanada. Atravessamos a praça, ainda vazia – apenas com peças de uma estrutura metálica –, passamos por uma escultura em aço corten de Amílcar de Castro – com um rastelo apoiado – e alcançamos o teatro (Figura 5). A estrutura de concreto, robusta, se lançava sobre a baía e organizava uma conexão entre terra e água amparada pela paisagem. Subimos as amplas escadas – sujas, molhadas e com limo – que criavam uma estranha atmosfera entre sonho e descaso. A medida em que subíamos, pudemos observar belas aberturas e o enorme palco aberto com um imenso vão que seria coberto com uma grelha de aço e vidro (Figura 6). Aquele espantoso vazio, no osso, tornaria possíveis grandes e complexas apresentações de teatro, dança, música etc. Algo que traria, se bem cuidado e gerido, uma revolução no campo da produção cultural no Estado.

A possibilidade dos eventos, do acervo e dos empregos nas áreas de arte e cultura seria um ganho substancial para a cidade, ofertado ao público de maneira pública. Contudo, a questão da interrupção da construção, o descaso com o dinheiro público e o atraso na entrega do projeto, que já se arrasta por mais de uma década, ainda se impõem como algo inaceitável.



Adentrar, ver de perto, vivenciar, talvez seja uma das grandes potencialidades da arquitetura que não é apenas forma e função, mas ambiente de experimentação, criação de atmosferas vivenciais. A crítica da ideologia moderna, o projeto colonial, o descaso institucional, o colapso político e a imagem distanciada nos permitem pensar criticamente a *ruína do futuro* como alegoria da catástrofe, porém, isto seria insuficiente, injusto.

Há entre a arquitetura deste Cais algo que faz o campo das artes ganhar alguma animação. Ao percorrermos o complexo, sonhos possíveis nos invadem, irrompendo uma vontade de ocupar esses espaços, coloca-los em uso. Observamos a vegetação brotando entre a construção, as castanhas espalhadas pelos morcegos que tomam o piso do museu, os fragmentos de paisagem que alimentam a imaginação e vislumbramos *ruínas vitais*<sup>5</sup> (MANGUE, 2019), mundos por germinar. Essa vitalidade da ruína é um convite à composição coletiva com este corpo arquitetônico em construção. Seu inacabamento é a abertura essencial, da qual podemos nos apropriar como participantes de sua produção imaginária e material. É nossa tarefa coletiva cuidar deste navio, reivindicar sua continuação, pois já é hora de embarcar, levantar as velas e zarpar.

O sol seguia forte, o céu, aberto. Ver de longe e ver de perto tem suas dissonâncias. Aprendemos que olhar ajuda, mas viver ainda nos espanta.

### **Crítica: um jogo de distâncias para abrir o presente**

Após uma aproximação curiosa deste projeto, me deparei com a repentina morte de Paulo Mendes da Rocha, decorrente de um câncer no pulmão, no dia 23/05/2021, dias

<sup>5</sup> Este termo é tomado de empréstimo da poeta e artista multilinguagem Cafira Zoé, integrante do Teatro Oficina Usyna Uzona e do coletivo Arquivo Mangue.



após a visita, enquanto ainda pensávamos aonde estas linhas nos levariam. Aturdido pelo acontecimento inesperado, falar sobre este complexo cultural me pareceu menos uma mera curiosidade e mais um exercício ético em que memória e política se compõem em um chamado. Um chamado à lembrança do arquiteto e ao engajamento na continuação do projeto, neste momento, divulgando-o como algo que deveria ter sido desde o começo: um equipamento cultural público e coletivo. Publicar é um ato de circulação de pensamentos, inserção de imaginário, produção de base crítica, disseminação política.

Retornemos ao início, agora, desequilibrados. Ora, após esses três movimentos – uma apresentação institucional, um exercício de olhar distanciada e um encontro com o corpo arquitetônico, além da morte de seu arquiteto –, ficam problemas. A crítica requer não apenas um olhar atento e analítico, mas uma reversibilidade de lentes e, talvez, mais que isso, uma experimentação existencial em que a própria vida seja posta em jogo com aquilo que é analisado, suspendendo a relação sujeito e objeto e tornando-se um jogo de distâncias, um corpo-a-corpo em que se passam acontecimentos. Esta tentativa fragmentária de leitura é inconclusa, porque propõe-se aberta. Oscilando entre denúncia e apologia, interessam os trânsitos nesta zona cinzenta, entre o perto e o longe, o embate entre instituição e vida.

A ambivalência desse projeto, as complexidades envolvidas, tornam-se um campo problemático no qual a construção já é uma ruína, que carrega tanto o frescor da vitalidade quanto a corrosão da catástrofe. Há um corpo vivo arquitetônico que habita e conversa com seu contexto, local e global, em tensão permanente. Ao olharmos de longe, nos deparamos com seu estado carcomido, concreto e alegórico, ao chegarmos mais perto, experimentando com atenção, abrem-se caminhos, respiros. A sua incompletude é sua potência analítica e nos permite pensar o que deve ser deixado e aquilo no qual se deve apostar. Dessa leitura precária, nos interessa atentar para a materialidade erguida sobre mar e terra, explorar os problemas e potências entre a arquitetura e o presente que nos interpela, abrir as imagens, expandir as palavras.



Uma vez que o futuro se apresenta como catástrofe e as *ruínas do futuro* parecem se amontoar sobre nossos olhos, reivindicamos as *ruínas vitais* que nos permitiriam uma arqueologia crítica e inventiva do/no presente, fazendo do Cais terreno para que as sementes de culturas porvir possam germinar, emergindo entre os escombros que obstruem as passagens, tornando-se saúde diante das tantas adversidades que nos adoecem.

#### **Dançar com as ruínas do futuro, habitar ruínas vitais**

Corpos e sons emergem, apropriando-se do espaço carcomido pelo tempo, ativando a potência poética deste grande complexo cultural interrompido. Movimentos de corpos femininos pincelam ritmos e cores, desmontando a ortogonalidade, interpelando o brutalismo estrutural. A oralidade ecoa, os desenhos sonoros ressoam, fazem a edificação pulsar. Aquilo que parecia morto, respirava.

No vídeo dança *Ruína do Futuro*<sup>6</sup> (2022), dirigido por Dorottya Czako, as bailarinas Bárbara Veronez e Gabriela Moriondo, dançam com a construção e a paisagem em movimento (Figuras 9 e 10). O título, possui um tom crítico, colocando em cena o campo problemático do Cais das Artes sob uma perspectiva sensível, revelando contrastes entre o estático e o dinâmico, a luz e a sombra, a ortogonalidade e a organicidade, a paisagem e o ambiente construído. Se a *ruína do futuro* apontava para o fracasso do amanhã, o que vemos nesta apropriação é um desvio pelo presente e pela presença, uma aposta naquilo que ainda pulsa, um roçar na matéria nua, crua e viva.

6 O vídeo dança *Ruína do Futuro* foi produzido a convite do Colóquio CAIS+ARTES: museu, teatro e cidade (2022), na cidade de Vitória – ES, e, desde então, está circulando por festivais de cinema nacionais e internacionais. Aproveito para tornar público o agradecimento, tanto aos realizadores do curta, pela cessão das imagens, quanto aos realizadores do evento, os professores/as e arquitetos/as Kleber Frizzera, Flávia Botechia, Ângela Gomes e Lutero Procholdt.



Esta produção imagética cultiva uma imaginação ativa, inquirindo a estática do complexo monumental. O desenho sonoro interrompe o silêncio, agitando o espaço. Os gestos dançados rasgam o retrato do descaso, intervindo sobre a materialidade e subvertendo o abandono. Os corpos em ação expõem a dimensão marítima da paisagem, tornando-se ondas, turbilhões que invadem todo o complexo, complexificando-o. Presenciando a dança com a *ruína do futuro*, entrevemos as *ruínas vitais*, nas quais a cultura é semente, espaço de cuidado conjunto e fonte de cura. Esta atmosfera é expressa com emoção e sensibilidade por este trabalho que revela, no avesso do espetáculo, presentes em gestação.

Ondas, margens, morros... Rumores de territórios em emergência ressoam no museu e no teatro, transformando-os em câmaras de eco. Os limites físicos se esboroam pelo soar afetivo. A ruína se atualiza e vitaliza pelas presenças, exibindo, no abandono institucional, a potência de apropriação crítica e as latências da imaginação política, que convertem a esterilidade e a impermeabilidade em terra fértil e porosa às paisagens e territórios. É este o chamado que devemos ouvir. Um chamado à ocupação artística e política, pública e plural deste complexo, antes que seja colocado à serviço do capital. Neste trabalho, somos convocados também à colocar a musealidade, a teatralidade e o espaço público para dançar, a refletir para resistir, a ocupar para acontecer, se apropriar para não deixar perecer. Pelo direito à cidade, pela habitação criativa na e com a terra.

O cosmos ecoa no Cais, conseguem ouvir?

\*

Durante os últimos anos vivemos mundialmente uma catástrofe sanitária, uma pandemia, enquanto, no Brasil, assistíamos ao ataque deliberado à cultura e a coisa pública, a corrosão das condições dignas de cidadania. Diante disso, este texto não é nada mais que um convite para respirar um objeto arquitetônico, expandir o debate,



tornando-o público, polifônico e coletivo. A arquitetura nos convida a experimentar uma participação política, uma ontologia do presente pela ocupação encarnada dos espaços. Sentir, pensar e agir, desde aqui, juntos e – por mais distantes e ausentes que possamos estar – ocupando a cidade.

Texto escrito e reescrito entre Vitória e Vila Velha, 2021 – 2022.

### Referências

FERNANDES, Gica. *Cais das Artes / Paulo Mendes da Rocha + METRO*. 23 Dez 2011. ArchDaily Brasil. Acessado 16 Jan 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-16341/cais-das-artes-paulo-mendes-da-rocha-mais-metro>>

MANGUE, Arquivo. *Ruínas Vitais*, 2019. Acessado 16 Jan 2023. <<https://www.pivo.org.br/app/uploads/2022/08/ruinas-vitais-sitio-especifico-1160x1547.jpg>>

RUÍNA DO FUTURO. Direção: Dorottya Czakó. Produção: Labvídeo-CAR/UFES, 2021. Online. Acessado 16 Jan 2023. <[https://drive.google.com/file/d/1L8R0TT7uBjVGNowgcNLkfnm0yjjeD-0h/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1L8R0TT7uBjVGNowgcNLkfnm0yjjeD-0h/view?usp=share_link)>